

12% ao ano. Entregou o país ao seu sucessor com uma dívida de 12 bilhões de dólares e reservas no valor de 7 bilhões de dólares. O país crescia a taxas de 11% ao ano.

Mesmo assim, achava que muito ainda precisava ser feito no campo social. Comprova-nos sua declaração: *“A economia vai bem mas o povo ainda vai mal.”*

Sua visão do futuro era inequívoca. Lembremos sua política de integração da Amazônia. Contestados por muitos durante muito tempo, os dois projetos de seu governo visando a consolidar nossa fronteira norte hoje são objeto de preocupação do governo e autoridades brasileiras, face às ameaças externas à nossa soberania na área.

Mas está claro que nem tudo foi tão simples como parece. Ao final de seu governo ainda havia muitos problemas a resolver. Médici conseguiu implantar um modelo econômico; faltava, contudo, restabelecer a normalidade constitucional.

Apesar de, desde o início de seu governo, pensar em devolver o poder aos políticos, viu com pesar, ao final de seu mandato, que não era ainda chegado o momento.

A nosso ver foi seu único erro. Não intencional, apenas de avaliação. Por isso digo, a respeito: Médici foi um grande Presidente, e seu governo, quiçá, o melhor do período revolucionário de 64.

GEOPOLÍTICA E GLOBALIZAÇÃO

Carlos de Meira Mattos*

A Geopolítica, que embriagou os alemães (Ratzel, Haushofer e Hitler), seduziu os ingleses (Mackinder e Lord Curzon), impôs-se aos norte-americanos (Mahan e Spykman), está submetida ao juízo mudancista que hoje varre o planeta. Os mais fanatizados pela globalização chegam a proclamar a sua extinção.

Entre os adeptos apaixonados da globalização da sociedade mundial salientam-se aqueles que defendem a tese de que o impacto da modernização torna obsoletos os valores fundamentais da política nacional e internacional — soberania e autodeterminação dos povos. Essa obsolescência se apóia

* General-de-Divisão. Geopolítico de renome internacional.

no que consideram a inevitabilidade do desaparecimento da soberania nacional e na incontrolável trans-territorialidade das fronteiras.

Uma coisa é se aceitar a incidência da globalização na economia e a invasão quase instantânea das notícias e das mensagens através dos meios eletrônicos, de informática e de comunicações, outra coisa é se admitir que, por isso, o Estado nacional deve abrir mão de seus valores fundamentais.

A harmonia da sociedade mundial, a desejada paz universal dentro dos padrões democráticos, só será alcançada, respeitando-se o direito soberano de cada povo e sua prerrogativa de autodeterminar o seu destino. O Direito Internacional se assenta no respeito a esses valores e na busca da igualdade de tratamento entre as nações.

Os fanáticos da Globalização Total já sepultaram até a História — veja-se o livro *“O Fim da História”* do escritor norte-americano Francis Fukuyama. Sustentam que a Geopolítica é reminiscência do passado. Isso, porque, dizem, o espaço geográfico ficou reduzido a *“uma aldeia”*, em face

da penetração da comunicação via INTERNET e do encurtamento das distâncias. Mas, vejamos até que ponto a tecnologia moderna atinge a existência da Geopolítica como ramo de conhecimento que estuda e avalia a importância da Geografia no processo político.

A História é, essencialmente, a história dos acontecimentos políticos. O Fato Histórico está sempre relacionado com as condições de espaço e tempo.

Esses fatores – tempo e espaço – foram atingidos com intensidades desiguais pelo impacto da tecnologia moderna.

A quase instantaneidade da comunicação da imagem e do som a qualquer quadrante da terra, assim como o encurtamento drástico das distâncias pelos novos meios de transporte, volatilizam o fator tempo.

A transitoriedade, a fugacidade do tempo foi uma questão que já preocupou Santo Agostinho (as três divisões do tempo, do livro “Confissões”) e, mais recentemente, o filósofo Einstein considerou o tempo relativo.

Quanto ao espaço, figurou sempre como o fator mais estável do binômio.

Para Descartes, “o espaço é concreto, o tempo não”. Comparemos o grau de avanço da tecnologia a serviço da política, no final dos dois últimos séculos — durante os últimos 100 anos.

A sociedade humana cruzou a passagem do século XIX para o XX sem conhecer a aviação, os satélites, o rádio, a televisão, e eletrônica, o fax, a informática, a energia nuclear e outras novas formas de energia. A viagem à lua seria considerada um sonho absurdo pelos melhores sábios do fim do século passado. Entretanto, tudo isso se incorporou ao patrimônio do conhecimento e da práxis do homem de hoje.

A incidência da mudança sobre a sociedade, provocada por esses extraordinários avanços tecnológicos, atingiu muito mais o fator tempo do que o fator espaço.

O espaço geopolítico, em si, pouco mudou. A França, os Estados Unidos, a China, o Japão e o Brasil conservam quase o mesmo território que possuíam no final do século XIX. Sobre esses territórios, o homem tecnocrônico adquiriu novos e extraordinários instrumentos de ação para domi-

nar a natureza e colocá-la a seu serviço. Através dos modernos meios de comunicação ele invade o espaço de todos os quadrantes do planeta, com suas mensagens faladas e escritas. Os meios de transporte modernos aproximaram todos os países.

Ao mesmo tempo em que reconhecemos a nova e surpreendente operacionalidade do homem na exploração de sua base espacial, constatamos que essa mesma base geográfica pouco mudou, no decorrer deste último século, e que, portanto, suas características de extensão, forma e posição continuam válidas como expressões políticas. Assim sendo, a Geopolítica continua sua missão inspiradora de soluções políticas.

O contexto físico do espaço permanece inalterado; sua extensão, forma e posição, inamovíveis; apenas, agora, pode ser operacionalizado por instrumentos mais eficazes.

O Homem, autor da História, animal político (Aristóteles), passou a operar o seu espaço geográfico munido de instrumental revolucionário, mas a Geografia Física não mudou e a Geopolítica continua viva.